



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRA E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA**

AMANDA BEZERRA GOUVEIA

**PUREZA E CASTIDADE UTÓPICA: UMA ANÁLISE DA IMAGEM FEMININA
ATRAVÉS DOS POEMAS *HOMBRES NECIOS* (JUANA INÉS DE LA CRUZ) Y *TÚ
ME QUIERES BLANCA* (ALFONSINA STORNI)**

**CAMPINA GRANDE
2020**

AMANDA BEZERRA GOUVEIA

PUREZA E CASTIDADE UTÓPICA: UMA ANÁLISE DA IMAGEM: UMA ANÁLISE DA IMAGEM FEMININA ATRAVÉS DOS POEMAS *HOMBRES NECIOS* (JUANA INÉS DE LA CRUZ) Y *TÚ ME QUIERES BLANCA* (ALFONSINA STORNI)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras - Espanhol.

Orientador: Prof Me: Thales Lamoniêr Guedes Campos

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G719p Gouveia, Amanda Bezerra.

Pureza e castidade utópica [manuscrito] : uma análise da imagem feminina através dos poemas *Hombres Nécios* (Juana Inés de La Cruz) y *Tú me quieres Blanca* (Alfonsina Storni) / Amanda Bezerra Gouveia. - 2020.

53 p. : il. colorido. Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.

"Orientação : Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos , Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Literatura. 2. Mulher. 3. Imagem feminina. 4. Simbolismo . 5. Castidade utópica. I. Título

21. ed. CDD 809

AMANDA BEZERRA GOUVEIA

**PUREZA E CASTIDADE UTÓPICA: UMA ANÁLISE DA IMAGEM
FEMININA ATRAVÉS DOS POEMAS *HOMBRES NÉCIOS* (JUANA INÉS DE
LA CRUZ) Y *TÚ ME QUIERES BLANCA* (ALFONSINA STORNI)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em Letras
- Espanhol.

Orientador: Prof Me: Thales Lamoniêr
Guedes Campos

Aprovada em: 04 / 12 / 2020.

BANCA EXAMINADORA

Thales Lamoniêr G. Campos

Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Alessandro Giordano

Prof. Me. Alessandro Giordano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Gilda Carneiro Neves Ribeiro

Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais, por todo esforço que fizeram e me apoiaram para realização dessa conquista, por representarem minha base e minha força sempre, sem vocês nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois até aqui tem me guiado e me sustentado com sua mão poderosa.

Ao meu pai *Cleonildo*, a minha mãe *Deisi*, e a minha irmã *Luana*, pela compreensão e por nunca me deixarem desistir me apoiando em tudo para chegar até aqui.

A minha filha *Maria Eduarda*, pela compreensão da minha ausência em momentos importantes em sua vida.

A todos os professores do Curso de Letras Espanhol UEPB, em especial, ao meu professor e orientador *Thales Lamoniêr* por toda a atenção e apoio durante a produção deste trabalho.

Aos professores da banca examinadora, *Me. Alessandro Giordano* e *Dr. Gilda Carneiro Neves Ribeiro*, por serem solícitos e prestativos durante minha graduação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

Alfonsina Storni e Juana Inés de la Cruz, simbolizam duas figuras importantíssimas na luta dos direitos da mulher na sociedade, embora de épocas distintas, as poetisas deram lugar e voz para o empoderamento feminino, quebrando tabus e fazendo ascender a luta por direitos iguais entre os sexos. Nosso objetivo geral é refletir como em seus poemas *Hombres Necios* (1689) e *Tú me quieres Blanca* (1918) as poetisas expressam a visão da imagem feminina numa sociedade patriarcal, através de uma análise comparativa entre os poemas. E como objetivo específico analisaremos nesses poemas, as simbologias que as poetisas utilizam como referentes de um ideal de pureza e castidade utópica. Concluimos assim, que este trabalho denota uma temática muito relevante para se entender alguns dos processos de conquista por parte do gênero feminino, através de duas grandes mulheres que fizeram e marcaram a diferença na história através de sua vida e obra. Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico e documental, fundamentada a partir dos estudos teóricos de López (2005), Oliveira (2009), Dufort (2011), Rocha (2013), entre outros que serviram de base e pesquisa para o desenvolvimento deste artigo.

Palavras chaves: Imagem feminina; Simbolismo; Castidade Utópica;

RESUMEN

Alfonsina Storni y Juana Inés de la Cruz, simbolizan dos grandes figuras importantísimas en la lucha por los derechos de la mujer en la sociedad, aunque de siglos distintos, las poetizas dieron vez y voz para lo empoderamiento femenino, rompiendo tabús y haciendo ascender la lucha por los derechos iguales entre los sexos. Nuestro objetivo general, es reflexionar como en sus poemas *Hombres Necios* (1689) y *Tú me quieres Blanca* (1918) las poetizas expresan la visión de la imagen femenina en una sociedad patriarcal, a través de un análisis comparativo entre los poemas. Y como objetivo específico analizaremos en esos poemas, las simbologías que las poetizas utilizan como referentes de un ideal de pureza y castidad utópica. Concluimos así, que este trabajo denota una temática muy relevante para entender algunos de los procesos de conquista por parte del género femenino, a través de dos grandes mujeres que hicieron y marcaron la diferencia en la historia a través de sus vidas y obras. Esta investigación se trata de un estudio bibliográfico y documental, fundamentada a partir de los estudios teóricos de López (2005), Oliveira (2009), Dufort (2011), Rocha (2013), entre otros que sirvieron de base e investigación para el desarrollo de este artículo.

Palabras claves: Imagen femenina; Simbolismo; Castidad Utópica;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------|--|----|
| IMAGEN 01 | <i>La niña de Nepantla</i> | 23 |
| IMAGEN 02 | <i>El ascenso de Juana a la corte</i> | 24 |
| IMAGEN 03 | Sor Juana Inés de la Cruz..... | 26 |
| IMAGEN 04 | Alfonsina Storni..... | 30 |
| IMAGEN 05 | Irremediavelmente Alfonsina..... | 32 |
| IMAGEN 06 | Monumento a Alfonsina Storni em frente à praia <i>La Perla</i> no Mar da Prata | 34 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. O PAPEL SOCIAL DA MULHER E AS EXPRESSÕES SIMBÓLICAS NA LITERATURA | 13 |
| 2.1 A mulher na sociedade e suas representações ao longo da história..... | 13 |
| 2.2 Simbolismo na Literatura | 19 |
| 3. HISTORICIDADE (VIDA E OBRA). | 23 |
| 3.1 Juana Inés de La Cruz..... | 23 |
| 3.2 Alfonsina Storni..... | 29 |
| 4. ANÁLISE DOS POEMAS | 35 |
| 4.1 Imagem Feminina: Sociedade Patriarcal. | 35 |
| 4.2 Pureza, Castidade Utópica E Suas Simbologias..... | 40 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 45 |
| REFERÊNCIAS | 46 |
| ANEXO A – POEMA <i>HOMBRES NECIOS</i> | 50 |
| ANEXO B – <i>TÚ ME QUIERES BLANCA</i> | 53 |

1. INTRODUÇÃO

Como forma de expressão dos pensamentos, sentimentos, relações sociais, história de um povo e ideologias, a poesia representa um dos importantes veículos da arte, que nos proporciona um caminho vasto de interpretação do mundo em que vivemos. Segundo Santoro (2007), Aristóteles trata a poesia assim como a linguagem humana, de forma mimética, porém, apesar de ser uma reprodução, não se fundamentaria na simples arte de imitar, mas sim na representatividade proveniente da verdade.

Dessa maneira, de acordo com a realidade em que está inserida, a poesia também se configura como um canal que reproduz posicionamentos e para que alcance um sentido interpretativo é exigido por parte do leitor uma percepção crítica em sua leitura, Lopes (2010) afirma que a literariedade está intimamente relacionada a um arranjo intencional de signos literários, com o intuito de produzir no leitor (receptor da mensagem), um “encontro de prazer” e para isso, é necessário perceber a intenção criativa ou produtora desse texto.

Como a poesia é um gênero literário muito popular e de grande influência, percebemos que no curso da história muitos poetas e poetisas utilizaram-se de tais arranjos como forma de expressão crítico social; muitas escritoras por meio deste instrumento literário, se levantaram contra padrões e regras preconceituosas e repressivas, impostas no comportamento feminino, sobre isto, Azerêdo (2017) agrega que:

Considero também que a poesia seja parte do processo de mudança do sentido de mulher, se a definirmos como a busca de uma linguagem que possibilite as mulheres falarem numa cultura em que ser mulher é falar a língua do outro, isto é, ficar em silêncio (AZERÊDO, 2017, p. 23).

Neste sentido, temos várias poetisas hispano-americanas que usaram a poesia como um instrumento para romper com esse silêncio, dentre elas, podemos citar algumas como: Gabriela Mistral do Chile, Delmira Augustini do Uruguai, Alfonsina Storni da Argentina, Juana Inés de la Cruz do México, entre outras, que se destacaram por suas críticas de cunho feminista, engajadas por ideias de igualdade entre os sexos e questionamentos sobre a imposição na conduta de ser mulher.

Posto isto, o trabalho tem como objeto de estudo, verificar nos poemas de duas dessas poetisas citadas, Alfonsina Storni e Juana Inés de la Cruz, as críticas referidas à questão da imagem feminina, atrelada aos simbolismos de pureza e castidade utópica. Apesar de estarem separadas por mais de dois séculos, é perceptível a similaridade temática entre ambas, que demonstram insatisfações em relação à projeção da imagem feminina, nas quais foram

materializadas conforme o tempo. De acordo com Nascimento (2015, p.7) isso se deve ao fato de que “Até então, o sujeito feminino era conhecido, apenas, a partir do imaginário masculino, pelo qual era representado, através de discursos que definiam e instituíam regras do que as mulheres deviam dizer ou fazer e como deveriam ser”.

Mediante esse cenário, questionamos: como as autoras representam a imagem feminina? E como base do nosso primeiro questionamento, outra pergunta que podemos fazer seria: quais os símbolos utilizados pelas autoras nos dois poemas que podem estar relacionados à pureza e a castidade utópica?

Desta forma, o objetivo principal deste trabalho é analisar como as poetisas expressam a visão da imagem feminina numa sociedade patriarcal nos poemas *Hombres Necios* (1689) de Juana Inés de la Cruz e *Tú me quieres Blanca* (1918) de Alfonsina Storni. E o objetivo específico, centra-se em identificar através dos poemas, os símbolos que as autoras utilizaram como referentes de um ideal de pureza e castidade utópica.

As autoras do nosso *corpora* se destacaram na luta pelos direitos da mulher na sociedade, e através da poesia, evidenciaram seus questionamentos sobre a construção do sujeito feminino. Retamar (2004) relata que Alfonsina Storni ao escrever *Tú me quieres Blanca* (1918) fez reascender uma voz que já questionava a condição de ser mulher a partir da visão masculina, “Quer dizer, Alfonsina nesse poema, não apenas fala com voz própria, mas faz reverberar outra mulher pioneira na escrita, Sor Juana Inés de la Cruz, fazendo ver que a luta por direitos já possui uma longa caminhada.” (RETAMAR, 2004, p.6). Diante disso, o estudo proposto se justifica por refletir, a partir dos poemas *Hombres Necios* (1689) de Juana Inés de la Cruz, e *Tú me quieres Blanca* (1918) de Alfonsina Storni, como ainda hoje os símbolos de pureza e castidade utópica estão objetivando o papel da mulher na sociedade.

O interesse por essa temática surgiu nas aulas de literatura hispano-americana, durante a graduação, com a leitura de poemas de diversas poetisas que retratavam o papel feminino, os quais fomentaram inquietações que se converteram em perguntas de pesquisa, que são as que se apresentam neste trabalho. Dentre elas, questionamos o que havia de comum entre essas poetisas nas suas representações da mulher na sociedade, como elas se posicionavam em seus poemas diante do jugo masculino e qual a relação dos usos simbólicos em seus escritos. Mediante isso, pensamos na relevância do nosso trabalho para o curso de Letras Espanhol na UEPB, a fim de contribuir para a conscientização de futuros docentes, que estarão fazendo parte da formação da sociedade e poderão colaborar com o rompimento de comportamentos abusivos diante do gênero feminino.

Para a construção deste trabalho adotaremos uma metodologia de caráter qualitativo, bibliográfico e documental. Segundo Godoy (1995, p.21) “hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Dessa maneira, esta pesquisa é qualitativa, pois tem seu foco em analisar a imagem feminina perante uma sociedade patriarcal. Com isso, seguirá por um viés documental, pois é através das interpretações dos símbolos utilizados pelas poetisas, que percebemos a criticidade da imagem da mulher em relação à sociedade em que se encontravam, sobre este tipo de pesquisa, em que os documentos “podem ser considerados uma fonte natural de informações à medida que, por terem origem num determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse mesmo contexto”. (GODOY, 1995, p.22).

Para o conhecimento e aprofundamento da temática, utilizaremos materiais como base, dentre os quais temos: livros, revistas e artigos publicados em sites eletrônicos, monografias entre outros, que nos nortearam no estudo deste trabalho. Sendo assim, esta pesquisa será de cunho bibliográfico, pois, como afirma Gil (1994, p.65) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Como fundamentação teórica, utilizamos referências que contribuirão para análise e investigação do contexto histórico e dos símbolos representativos nas poesias. Foram utilizados autores como: Dufort (2011), Rocha (2009), Araújo (2014) e Nascimento (2015), que corroboraram nas discussões referentes ao papel da mulher na sociedade, e na construção da historicidade das poetisas. Assim como, Gomes (1960), Gonzales (1984) e Andrade (2013), que assistirão de forma relevante na análise simbólica dos poemas aqui propostos.

Este trabalho abordará, em um primeiro momento, a discussão do papel social da mulher, dessa maneira, verificaremos como a figura feminina sempre esteve sob o jugo de uma sociedade machista, desenhando assim, a mulher como um sujeito inferior. Em seguida, trataremos do simbolismo na literatura, evidenciaremos como os recursos simbólicos conseguem reunir realidades distintas e denotam aos poemas um valor crítico e em alguns casos uma projeção sarcástica.

Em um segundo momento, iremos abordar a historicidade das autoras, demonstrando o contexto social em que se encontravam, para entendermos suas manifestações através da poesia. Sendo assim, começaremos no século XVII, com a poetisa Juana Inés de la Cruz, uma das poucas vozes femininas do período barroco que fez acender as insatisfações com a

dominação religiosa e a subjugação feminina da época. Na sequência, apresentaremos uma das grandes poetisas hispano-americanas do início do século XX, Alfonsina Storni, que fez remontar a imagem feminina, colocando a mulher na mesma posição do homem na sociedade.

Por último, faremos uma análise dos poemas *Hombres Necios*, (1689) de Juana Inés de la Cruz e *Tú me quieres Blanca* (1918), de Alfonsina Storni, através dos quais discutiremos os símbolos utilizados pelas autoras, em que demonstram suas insatisfações com a sociedade em relação à criação imagética de ser mulher. Nos poemas, verificaremos como elas trazem em tom de ironia, a exigência de uma sociedade patriarcal representando a mulher pura e casta, deliberando assim ao homem um ser livre nos seus desejos e anseios, e a mulher reprimida e submissa aos seus caprichos.

2. O PAPEL SOCIAL DA MULHER E AS EXPRESSÕES SIMBÓLICAS NA LITERATURA

Nesse capítulo, apresentaremos discussões referentes ao papel social da mulher e como tal questão foi representada na literatura (hispano-americana), também explanaremos a temática da utilização de símbolos nos escritos literários, compreendendo as simbologias como uma ponte de significação na retomada de uma construção de ideias e representação identitária de uma cultura.

2.1 A mulher na sociedade e suas representações ao longo da história.

A imagem da mulher na sociedade, sempre esteve atrelada a uma relação muito evidente de símbolo e ação, o que a dividia e a submetia entre modelos do que deveria representar e apresentar, e entre parâmetros do que ela não podia ser e seguir. Deste modo, por muito tempo, a imagem feminina ficou encerrada aos papéis que culturalmente as determinavam como mãe, esposa e dona do lar, e essa divisão de poderes acabou repercutindo em vários setores da sociedade, assim como nos esclarece Carvalho (2016):

A história revela que as mulheres eram associadas ao universo privado, do lar, dos afazeres domésticos e dos cuidados com a família. Enquanto aos homens era reservado o espaço público, a política, o provimento do lar. Tais características refletiram em todos os segmentos da sociedade (social, econômico e político). (CARVALHO, 2016, p. 30).

Desta maneira, percebemos como a divisão de sexos influenciou na divisão de poderes e de direitos no espaço social, incumbindo ao homem desde sua infância o dever de chefe da família e autoridade. Para compreendermos melhor, como esse processo da divisão de poderes entre os sexos foi se estabelecendo na sociedade, é necessário voltarmos aos primórdios da nossa humanidade, mais em específico, no desenvolvimento da nossa cultura ocidental. Fazendo este regresso, verificamos que nem sempre a sociedade foi marcada pelo patriarcalismo, havia lugares como na Ásia Menor e na Grécia, por exemplo, em que a cultura era totalmente marcada pelo matriarcado, de acordo com o arqueólogo suíço Bachofen (1987): “*El matriarcado se desarrolla en un periodo cultural más primitivo que el sistema patriarcal, con el victorioso ascenso de este último, su esplendor comienza a marchitarse*”¹ (BACHOFEN, 1987, p. 29).

Em seu livro *El Matriarcado* (1987), Bachofen relata que os povos Lícios viviam em um sistema totalmente diferente da formação da sociedade que dissertamos no início deste capítulo, o autor relata várias distinções totalmente contrárias à cultura patriarcal que conhecemos, dentre elas, a grande diferença na relação da linhagem, em que os filhos herdavam o sobrenome da mãe e não do pai e que a figura materna era representação de autoridade, poder e sabedoria. Durães (2009) também faz relatos sobre esta cultura matriarcal, a autora discorre sobre a divinização da mulher nas sociedades gregas; as mulheres neste tempo eram vistas como “Deusas”, pois a maternidade lhes conferia o poder de gerar a vida:

Imaginava-se que a mulher possuía um poder mágico que aproximava a mulher do sagrado. Outro fator importante era o fato de que até depois do período paleolítico o homem não tinha o conhecimento de que fazia parte da fecundação. A mulher era também divinizada por ter em si os ciclos ou calendários de tempo instalados no próprio corpo. (DURÃES, 2009, p. 1).

Conforme o tempo, como relata a autora, a representação superior da força física do homem foi um determinante decisivo na divisão de poderes e hierarquização dos sexos, restringindo assim, o lugar da mulher no espaço em sociedade, a incumbindo somente aos deveres de cuidar do lar e da prole, como afirma a autora, “O papel da mulher era de cuidar e preservar e por isso não havia a preocupação com competição” (DURÃES, 2009, p.2). Sobre o fim das sociedades matriarcais os autores Chagas e Chagas (2017) expõem que:

¹ O matriarcado desenvolve em um período cultural mais primitivo que o sistema patriarcal, com o vitorioso ascenso deste último, seu esplendor começa a definir (Tradução nossa).

Pouco se sabe sobre as sociedades matriarcais e seu declínio é associado ao crescimento da população, originando o aumento de conflitos territoriais. Com isso, os homens começaram a ofertar proteção guerreira às mulheres, refletindo assim, no domínio completo do masculino e consolidando o Patriarcalismo. (CHAGAS e CHAGAS, 2017, p. 2).

Segundo Ávila (2010), a dominação capitalista está intrinsecamente relacionada com a inserção da cultura ocidental na sociedade, a autora reverbera que muitos povos indígenas, por exemplo, tiveram seus costumes e ritos subjugados de forma brusca. Como a ideologia do capitalismo prevalece o mais forte, a autora ratifica que isso influenciou de forma significativa nas estruturas familiares e na formação social. Desta forma, como as mulheres eram consideradas seres mais “frágeis”, foram sendo colocadas em posições inferiores ao homem na construção da sociedade, ficando cada vez mais restritas ao rol do matrimônio e da maternidade. Este poder de dominação masculina foi se estabelecendo na construção cultural e identitária das pessoas e da sociedade, sobre esse processo, Drumont (1980) reitera que isso vem acontecendo de maneira inconsciente logo a partir da infância, quando crianças ficam expostas a determinadas relações que vão muito além de suas vontades e que geram em suas consciências o sentimento de autoridade do garoto por ser macho em relação à menina, estabelecendo assim, como enfatiza a autora, relações “reais e imaginárias”.

Sobre essa fundamentação machista que se consolidou na sociedade, constituindo as bases morais do ser humano, “O machismo como sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela “liderança” masculina” (DRUMONT, 1980, p.81). Para que possamos nos aprofundar e entender, como este processo machista foi ganhando força na sociedade moderna é importante nos direcionarmos às “crenças e valores de fundamentos judaico-cristãos, os quais caracterizam a sociedade patriarcal” (CHAGAS e CHAGAS, 2017, p. 2), pois, de acordo com Durães (2009):

Falar da mulher na sociedade também é falar da influência religiosa. A sociedade é formada por leis e por preceitos morais profundamente religiosos, por isso, fica difícil separar o fenômeno religioso que subjaz a origem de quase toda sociedade humana. (DURÃES, 2009, p. 5).

À vista disso, quando nos remetemos ao período medieval que está situado entre os séculos X e XV, em que houve uma grande influência política e social da igreja católica, percebemos que ademais da inferioridade da mulher, houve uma imposição imagética de pureza e castidade sobre a mesma, assim como retoma Leal (2012):

“[...] a Igreja medieval acabou por alterar a visão da mulher na sociedade, pois era necessário que houvesse um padrão idealizado de comportamento feminino. Os religiosos viram em Maria, a mãe de Jesus Cristo, um exemplo perfeito de mãe, mulher, esposa e virgem”. (LEAL, 2012, p. 4-5).

A figura feminina deste modo, toma uma outra forma, diferentemente do que vimos nos períodos da origem da civilização humana, a mulher neste momento encontrava-se sob o jugo de espelhar-se na figura divina, desviando-se de sua natureza pecaminosa. Pois, ao mesmo tempo que a mulher deveria representar a imagem de Maria também era descendência de Eva, portanto um vetor de desvio dos princípios morais cristãos, pois no contexto religioso as mulheres, “eram consideradas pecadoras e muito próximas dos prazeres carnavais e dos sentidos humanos; eram vistas, dessa maneira, porque todas descendiam de Eva, a culpada pela decadência humana.” (LEAL, 2012, p.4).

Por conta dos avanços científicos no período renascentista, houve uma grande mudança em relação ao período da Idade Média, assim como afirma Oliveira (2009, p.9), “surge um conjunto de novas realidades, como o mercantilismo e a recuperação do Direito Romano”, porém como ressalta a autora, a condição de mulher é acometida por alguns retrocessos. Apesar deste período ser marcado por uma perspectiva antropocêntrica, a sociedade continuava a relacionar a figura feminina como posse e objeto para realização de acordos através do matrimônio, acordos estes, que tinham a carga de dar continuidade ao nome da família, assim como atesta Oliveira (2009, p.13) “A fertilidade era uma necessidade, constituía a forma de preservar a família e conservar a riqueza[...]”, a autora aponta, que muitas mulheres eram abandonadas e até mortas se apresentassem algum problema na fertilidade, dando direito ao marido de obter um novo enlace matrimonial.

Na Idade Moderna, até a segunda metade do século XV, sob a influência da igreja católica houve uma grande perseguição às mulheres idosas ou viúvas que se sustentavam utilizando elementos da natureza como forma de medicamentos, período que ocorria um movimento de caça às bruxas, Tosi (1998) afirma que muitas mulheres foram criminalizadas por contribuírem nas práticas da medicina informal ou como a autora ressalta “magia benéfica”, muitas mulheres foram requisitadas a tribunais, “em particular as velhas que habitavam a região rural e viúvas a maior parte das vezes, começaram a se apresentar em massa, acusadas de bruxarias” (TOSI, 1998, p. 373). Tosi (1998, p.375) discorre que “A perseguição às bruxas acabou entre 1680 e 1684 na Europa ocidental e alguns decênios mais tarde nos países periféricos”, a autora ainda relata que essa perseguição foi amenizada por

conta da Revolução Científica que acabou impondo uma nova maneira de se entender o universo e esses poderes demoníacos e mágicos deram lugar aos fenômenos naturais.

A partir do século XVIII, a economia foi fortemente marcada pelas conseqüentes mudanças nas relações científicas, sociais e religiosas, o que ocasionou uma transformação do papel feminino na estrutura patriarcal da família ocidental, agregando a mulher, a participação do sustento do lar, assim como disserta Chagas e Chagas (2017, p. 4), com o sistema capitalista vigente e o início da revolução industrial, exigiu-se uma grande demanda de mão de obra, e neste momento, mulheres e crianças faziam parte do sustento familiar, diante destes acontecimentos, os autores preponderam que mesmo o salário sendo inferior ao do homem, as mulheres “passaram a ocupar outra posição social, a de trabalhadora”.

O acesso à alfabetização, foi um passo irreversível para o avanço da conquista social por parte do sexo feminino, Tosi (1998, p. 380) reflete que as mulheres do século XVII e XVIII, fizeram parte de variadas atividades no campo do saber científico ou técnico, “nas quais a tradicional habilidade manual, a destreza, o sentido de observação, a inteligência, a imaginação e a capacidade de trabalho de que sempre fizeram prova, foram amplamente aproveitados”.

Porém a autora faz uma ressalva, ao expressar que infelizmente essas mulheres não puderam ir mais além, como afirma a mesma, ademais das “portas dos fundos”; mesmo pertencentes aristocracia, a boa educação que obtiveram não permitiu transpor algumas barreiras, sobre isso, Tosi (1998, p. 380) adenda que essas mulheres “ficaram relegadas à condição marginal de assistentes ou, no melhor dos casos, de colaboradoras de cientistas conhecidos, ficando frequentemente ignoradas para a posteridade”

Como vemos, a luta pelos direitos femininos na sociedade alcançou algumas mudanças, porém de acordo com Chagas e Chagas (2017) por mais que as mulheres se integrassem no papel econômico, as mesmas continuavam submissas aos homens por conta da necessidade financeira, mas ainda assim, as discussões referentes à sua autonomia, no mundo literário, por exemplo, já eram bem presentes; os autores expõem que: “Nesse período, começam a surgir, explicitamente, por exemplo, na literatura mundial, temas relativos ao papel da mulher na sociedade, vista a possibilidade de sua emancipação”. (CHAGAS e CHAGAS, 2017, p. 4).

Juana Inés de Asbaje, uma das poucas poetisas reconhecidas de sua época, decidiu seguir a ordem religiosa, para prosseguir seus estudos; como vimos, não eram todas as mulheres que tinham a oportunidade de estudar. Noguero (2002) explicita que:

En definitiva, en un verdadero círculo vicioso, se negaba la educación de la mujer por su supuesta inferioridad mental. La ignorancia derivada de este hecho servía luego para demostrar la incapacidad intelectual del género femenino, lo que justificaba su exclusión de la vida pública y su subordinación a los hombres. (NOGUEROL, 2002, p. 184)².

i

Mesmo assim, Sor Juana, como ficou conhecida, é considerada uma mulher além de seu tempo, os pensamentos conservadores que prevaleciam, não conseguiram impedir que reivindicasse os direitos femininos. Dufort (2011) agrega que:

Uno de los aspectos que hoy en día más se repite en los estudios sobre Sor Juana Inés de la Cruz, es que ella fue una defensora de los derechos de la mujer en una época donde la mujer se veía relegada a un segundo plano y ni siquiera era admitida en los colegios. (DUFORT, 2011, p. 2).³

E apesar, da participação mais ativa das mulheres nos movimentos pelas descobertas e invenções, este período da Revolução Científica despertou, como revela Tosi (1998, p.377), “críticas e escárnio da parte de diversos autores”, a autora discorre que, a ideia de que as mulheres, tinham a mesma capacidade intelectual que os homens se tivessem a mesma oportunidade de acesso aos estudos, estava ganhando cada dia mais adeptos.

Do mesmo modo que muitos se levantavam para ridicularizar a imagem feminina, houve alguns escritores e filósofos que defendiam os direitos iguais entre os sexos, assim como François Poullin de la Barre (1647), que através do método cartesiano defendia a igualdade entre os sexos, e em relação aos estudos, atestava que se as mulheres tivessem o mesmo acesso à instrução como os homens, poderiam muito bem se destacarem em diversas áreas do saber, como Teologia, Medicina e Direito, que eram cursos exclusivos para homens naquela época.

Desde então, as mulheres vêm conquistando seu espaço no mundo tanto nos segmentos sociais, econômicos e políticos, galgando gradualmente sua autonomia e reconfigurando sua posição no meio social, assim como discorre Simões e Hashimoto (2012, p.8) ,“Hoje temos um grande número de mulheres que deixaram de ser somente esposas, donas de casa e mães, e que deixando para trás barreiras seculares, passaram a contribuir para a economia nacional.”

² Em definitivo, em um verdadeiro círculo vicioso, se negava a educação da mulher por suposta inferioridade mental. A ignorância derivada deste fato servia logo para demonstrar a incapacidade intelectual do gênero feminino, o que justificava sua exclusão da vida pública e sua subordinação aos homens. (Tradução nossa).

³Um dos aspectos que hoje em dia mais se repete nos estudos sobre Sor. Juana Inês da Cruz, é que ela foi uma defensora dos direitos da mulher em sua época onde a mulher se via relegada em um segundo plano e nem sequer era admitida nas escolas. (Tradução nossa).

O século XX foi marcado por grandes transformações, principalmente para o universo feminino. Segundo Oliveira (2009) na América do Sul começam a circular as ideias feministas que eram trazidas pelas mulheres abastadas que vivenciaram a cultura europeia. A autora relata, que as mulheres estavam progressivamente se inserindo nos espaços públicos, como teatros, cafés, praticando esportes, circulando nas ruas, embora fosse necessário andar com damas de companhia, estavam conquistando cada vez mais seu espaço, inclusive no ambiente de trabalho; apesar de sofrerem muito preconceito, as mulheres estavam galgando cargos que antes eram somente ocupados por homens, como professoras, advogadas, médicas, atrizes, comerciantes, jornalistas e escritoras.

Alfonsina Storni estava emergida neste momento da sociedade, assim como afirma Oliveira (2009, p.9) como “mãe solteira em uma cidade grande, foi uma dessas mulheres que saíram dos umbrais do ambiente privado do lar para sentir de perto as turbulências das ruas, atuando em diversas ocupações até chegar ao mundo dos jornais e das editoras”.

Atualmente, é perceptível a figura feminina ocupar dentro do sistema familiar, em muitos dos casos, a posição de participante ou até mesmo provedora única do sustento do lar, a inserção da mulher no mercado de trabalho representa, assim como agrega Dias (2007), além da independência financeira, a possibilidade da mulher ir alçando seu espaço na sociedade, embora, assim como atesta a autora, ser bem vigente a segregação de gênero no mundo laboral, por conta dos diversos fatores que ainda são trazidos e influenciam na divisão entre os sexos no mundo social e econômico.

Diante disso, verificamos que a mulher não tem mais uma posição secundária na humanidade, agora a figura feminina está atrelada à construção da sociedade, participante civil da história, muito mais além do conceito "objetificado" da procriação, mas, assim como bem coloca Novaes (2015), a mulher enquanto um indivíduo historicamente constituído, está cada vez mais conectada com o mundo social, como um indivíduo múltiplo, representando um papel em uma teia de relações sociais, que se entrançam, organizando-se e se reorganizando progressivamente.

2.2 Simbolismo na Literatura.

Já sabemos que as artes, em geral, expressam realidades culturais que perpassam e se introduzem de forma atemporal na sociedade, reproduzindo cultura, costumes, maneiras distintas de representar a vida. Uma das formas mais antigas das que os artistas se apropriam para expressar-se são os símbolos. Na literatura, assim como expressa Cobos (2017, p. 5) “*El*

símbolo ocupa un lugar preeminente en el lenguaje literario”⁴, e ainda segundo o autor, é um recurso estético, muito complexo e difícil de se determinar, pois depende muito do que o poeta quer passar e do contexto em que está inserido. Sobre isso, Peña (2012) nos faz compreender um pouco melhor o significado do uso deste recurso na linguagem literária. A autora discorre que:

*Una de las dimensiones fundamentales de los textos literarios, en cuanto a la elaboración del sentido, es la simbólica. Los símbolos son esas pequeñas unidades que poseen una gran capacidad concentradora de energía significativa, que migran de una época y de un contexto a otro, permaneciendo asombrosamente estables a lo largo de la historia de la cultura, y al mismo tiempo, adaptándose a una gran y diversa posibilidad de contextos semióticos.*⁵ (PEÑA, 2012, p. 126).

Como elemento intrínseco em nosso dia a dia as expressões simbólicas não se perdem no tempo, ao contrário, vão ganhando novos significados e se modulando de acordo com a sociedade sem perder, contudo, sua essência primitiva. Penã (2012) afirma que os símbolos são expressões que comumente são utilizadas em situações em que nos fogem os usos verbais em certos contextos ocorrendo dessa forma, de maneira consciente ou até mesmo inconsciente.

Porém, como alerta Cobos (2017) é importante nos atentarmos na diferenciação por exemplo, do símbolo para a metáfora, o autor ressalta que o uso da metáfora se atenta na contraposição do real com o imaginário nas “metáforas puras” e se enfatiza o uso da terminação imaginária, a exemplo, o autor utiliza “dentes como pérolas”⁶, em que pérolas tem seu destaque figurativo tomando assim uma significação conotativa o que se difere notoriamente das expressões simbólicas, o autor enfatiza que *“En el símbolo, no se menciona ni el término real ni el imaginario, sino que se presenta un término no hermético en el sentido de que no es fruto de la imaginación personal del poeta, sino que subyace en la cultura colectiva”*⁷(COBOS, 2012, p. 2).

⁴ O Símbolo ocupa um lugar preeminente na linguagem literária. (Tradução nossa).

⁵ Uma das dimensões fundamentais dos textos literários, enquanto a elaboração de sentido, é a simbólica. Os símbolos são essas pequenas unidades que possuem uma grande capacidade concentradora de energia significativa, que migram de época e de um contexto a outro, permanecendo assombrosamente estável ao longo da história e da cultura, e ao mesmo tempo, adaptando-se a uma grande e diversa possibilidade de contextos semióticos”. (Tradução nossa).

⁶ No original: “Dientes como perlas” (COBOS, 2017, p. 2).

⁷ No símbolo, não se menciona nem a terminação real nem a imaginária, senão que apresenta uma terminação não hermética no sentido de que não é fruto da imaginação pessoal do poeta, mas subjaz na cultura coletiva (Tradução nossa)

Dessa forma, entendemos a partir de Cobos (2017), que os símbolos não se fecham em um sentido único ou imaginativo do poeta, mas os percebemos como um sentido que é compreendido e determinado por fator cultural, abarcado por todos. Peña (2017) ainda agrega que as interpretações simbólicas estão totalmente interligadas a elementos icônicos, em que se fundamentam em representar o objeto real, assim como explicita a autora, *“Todo símbolo tiende a una relación icónica en su modo de representar el contenido expresado”*⁸(PEÑA, 2017, p. 129).

Seguindo a mesma linha de raciocínio Peña (2017) e González (1984), desmistificam também a relação do mito com o símbolo. González (1984, p.37) deixa claro que o símbolo *“No es el mito, pero se emparenta con él”*⁹. Os autores reverberam que através do conto mitológico se utiliza a linguagem simbólica em um contexto real de uso, assim como afirma Peña,(2012, p. 132) quando discorre que o mito *“Es siempre un relato que se expresa en un lenguaje simbólico: todo mito implica un texto virtual que se actualiza en versiones concretas que son aquellas a las que tenemos acceso”*.¹⁰.

Por último, é muito importante também sabermos entender a distinção entre expressões simbólicas e movimento Simbolista, Litvak (2013, p. 137) apresenta que nas expressões simbólicas *“El simbolismo concebía la naturaleza como punto de partida para expresar una visión interior, un estado de alma, o la revelación de la fuerza cósmica”*¹¹. Já o Movimento Simbolista, também conhecido como movimento Decadentista se destacou pelo uso de símbolos e seres da mitologia, expressando sentimentos e desprezo pela realidade em que se encontravam, colocando como primordial os sentimentos sob a razão. Em contraposição ao Parnasianismo, o movimento Simbolista, que se originou na França no final do século XIX, não se preocupava com a estética ou metrificacão dos versos, os decadentistas acreditavam na liberdade de expressão, assim como expressa a autora que *“La desilusión de la armonía liberó la fantasía para investigar el inconsciente y lo extravagante”*¹² (LITVAK, 2013, p. 138).

Percebemos assim, que os símbolos objetivam um papel fundamental para a linguagem literária, pois através deles, conseguimos representar e identificar a realidade que

⁸ Todo símbolo tem uma relação icônica em seu modo de representar o conteúdo expressado (Tradução nossa)

⁹ Não é o mito, porém se assemelha com ele (Tradução nossa)

¹⁰ É sempre um relato que se expressa em uma linguagem simbólica: todo mito implica um texto virtual que se atualiza em versões concretas que são aquelas as que temos acesso (Tradução nossa)

¹¹ O simbolismo concebia a natureza como ponto de partida para expressar uma visão interior, um estado da alma, ou a revelação de força cósmica (Tradução nossa).

¹² A desilusão da harmonia liberou a fantasia para investigar o inconsciente e o extravagante. (Tradução nossa).

está imbuída em sua subjetividade, ou como assim expressa, Araújo e Junior (2012), que os símbolos estão na construção da história da humanidade, a compreensão da sua totalidade simbólica existentes nos entes naturais ou antrópicos, é de suma importância para uma empreitada teórica e metodológica com a finalidade de desmembrar os significados nas diferentes culturas existentes. Deste modo, em um processo de semiose, os símbolos se configuram como uma construção identitária, que se remodelam no tempo sem, no entanto, perder sua carga primitiva de significação.

Com isso, mais adiante veremos como os símbolos se configuram fortemente nos escritos das poetisas, desenhando a sociedade que vivenciavam e suas percepções e anseios para a classe feminina.

3. HISTORICIDADE (VIDA E OBRA).

Neste segundo capítulo, apresentaremos a historicidade da vida das autoras, compreendendo seus posicionamentos mediante a sociedade pela qual se encontravam inseridas, suas relações interpessoais, e algumas obras no decorrer de suas biografias.

3.1 Juana Inês de La Cruz

Nascida em 1651, Juana Inés de Asbaje y Ramirez de Santillana, assim era seu nome secular antes de ficar conhecida como, Sor Juana Inés de La Cruz, destacou-se como uma das poucas escritoras do século XVII, tornando-se uma das grandes influências feminista na literatura até os dias atuais. Filha de uma crioula¹³ com um capitão, Juana Inés nasceu em San Miguel de Nepantla, em uma fazenda que se localizava em “Popocatéptl Calleja”, na Nova Espanha, atualmente o México. Ao todo, com Juana Inés eram cinco irmãos, dos quais três eram com seu pai o Capitão Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca e outros dois com o segundo matrimônio de sua mãe o Capitão Diego Ruiz Lozano.

¹³Essa designação dá-se a pessoa que nasceu escravo nos países sul-americanos ou descendentes de europeus que nascessem em colônias europeias em países hispano-americanos.

IMAGEN 01– La niña de Nepantla



Fonte: Jorge Sánchez Hernández: La niña de Nepantla, ca. 1980, Serie de retratos de sor Juana Inés de la Cruz, óleo sobre tela, colección particular, exhibida en Las Bodegas del Molino, Puebla, México.

Embora não tenha convivido com seu pai, foi seu avô Don Pedro Ramírez que representou a sua figura paterna, dono de uma extensa biblioteca, Don Ramírez, foi o precursor que instigou Sor Juana por sua paixão pelo conhecimento, a tudo isso Paz (1982) agrega que:

El origen de su afición a las letras, según ya dije, se remonta a su infancia y a la influencia de su abuelo. Vivió con él hasta los ocho años y lo quiso mucho. Por todo lo que sabemos, Pedro Ramírez sustituyó como arquetipo paternal a las dos figuras antagónicas que dividieron a su infancia: el fantasma del padre ausente y la presencia agresiva del nuevo amante de su madre (PAZ, 1982, p. 8).¹⁴

Segundo Araújo (2014), Juana Inés se demonstrava muito curiosa e se destacava pela sua inteligência e a capacidade de autodidata, a autora ainda salienta, que Juana Inês agregou uma boa parte dos conhecimentos sistematizados da época, chegando à leitura de clássicos gregos e romanos, assim como textos teológicos. Sobre sua adolescência “pouco se sabe, período em que foi dama de companhia da Vice-Rainha da Nova Espanha, a Marquesa de Mancera.” (ARAÚJO, 2014, p. 26).

¹⁴ “A origem de sua paixão pelas letras, segundo já disse, se remonta em sua infância na influência de seu avô. Viveu com ele até os oito anos e o amou muito. De tudo que sabemos, Pedro Ramirez substituiu, como arquétipo paternal as figuras antagônicas que dividiram a sua infância: o fantasma do pai ausente e a presença agressiva do novo amante de sua mãe” (Tradução nossa).

IMAGEN 02 - El ascenso de Juana a la corte

Fonte: Jorge Sánchez Hernández: El examen de Juana Inés en 1666, ca. 1980, Serie de retratos de sor Juana Inés de la Cruz, óleo sobre tela, colección particular, exhibida en Las Bodegas del Molino, Puebla, México.

Juana Inés se esforçou muito para tentar ter acesso aos estudos em sua infância, de acordo com Octavio Paz (1982) *apud* Araújo (2014, p. 26), Juana Inés era “Muito inquieta e ainda menina, pediu que sua mãe a vestisse de homem e a enviasse à Universidade para poder aprofundar-se nos estudos, pois nessa época só os homens tinham esse privilégio”.

O século XVII era marcado fortemente pela pressão religiosa, a conhecida Santa Inquisição, estabelecida pela igreja católica, tinha a liberdade para condenar aqueles a quem a Igreja considerava pecadores, neste período a figura feminina foi fortemente atingida, de acordo com Cardoso (2003), pelo ato sexual fora do casamento ser considerado pecaminoso, a mulher era vista como uma fonte de desvio da conduta cristã, sendo aceito pela igreja dentro de um matrimônio com o intuito principal da procriação. Dessa forma, para não ser “desviada” pela sua própria natureza pagã, a mulher era conduzida desde pequena para ser esposa e mãe, e aquelas que não casassem deveriam seguir a ordem religiosa entregando seus corpos para Deus, Cardoso (2003), agrega que “A virgindade era o estado recomendado, o casamento a escolha para as que não conseguiam um modo de vida mais perfeito” (CARDOSO, 2003, p.26).

Diante dessa situação, Juana Inés não teve outra escolha a não ser ingressar na ordem religiosa para conseguir seguir em seus estudos. Sobre sua entrada para a ordem, Lopes (2018) alega que:

Iniciou sua vida religiosa como noviça na Ordem das Irmãs Carmelitas Descalças, no ano de 1667, mas acabou desistindo pela extrema rigidez da instituição. Passou então para a Ordem de São Jerônimo da Conceição, que permitia um pouco mais de liberdade para se chegar ao conhecimento, permitindo que se dedicasse às letras e à

ciência. Adotou o nome de S rora Juana In s de la Cruz em 24 de fevereiro de 1669. (LOPES, 2018, p. 152).

Mesmo sob a repressão religiosa, a igreja ainda assim, representava naquela época, a soluço para as mulheres que não quisessem seguir o destino de ser uma esposa e mãe. Cardoso (2003, p. 28) cita que “mesmo apesar destes limites, os conventos eram os cenários mais favoráveis   autonomia e expressão feminina, libertando as mulheres da a o tutelar do pai, do marido, do filho mais velho, do "fardo" da maternidade e da imagem negativa da sua sedu o”.

IMAGEN 03 - Sor Juana In s de la Cruz



Fonte: Jorge Sánchez Hernández: La monja, ca. 1980, Serie de retratos de sor Juana In s de la Cruz, óleo sobre tela, colección particular, exhibida en Las Bodegas del Molino, Puebla, México.

Apesar da clausura, através de seus escritos, Sor Juana n o deixava de demonstrar suas insatisfa es com a condi o de ser mulher naquela época, e os utilizava como uma forte arma na luta contra a imposi o masculina, Egan (1993) afirma que:

*La Iglesia siempre ha luchado, sin éxito total, por erradicar los antiguos valores femeninos de la conciencia religiosa del pueblo. Sor Juana, entretanto, luchaba con sus escritos contra la hegemon a de la autoridad masculina que ella sufr a, tanto dentro del convento como afuera, en una sociedad que reflejaba los valores del Padre, del Hijo y el Esp ritu Santo (EGAN, 1993, p. 331)*¹⁵

De acordo com a autora, através dos escritos de Sor Juana   perceptível como ela se encontrava dividida entre o que era ou não sacro, a autora ressalta que Sor Juana apresentava

¹⁵ A igreja sempre há lutado, sem êxito total, por erradicar os antigos valores femininos da consciência religiosa do povo. Sor Juana, entretanto, lutava com seus escritos contra a hegemonia da autoridade masculina que ela sofria, tanto dentro do convento como fora, em uma sociedade que refletia os valores do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Tradu o nossa)

constantemente questionamentos em relação a interpretação das escrituras sagradas e a visão religiosa sobre a figura da mulher, remontando inclusive uma visão feminista sobre a autoridade masculina da Trindade, “*Es importante notar además la base teológica que Sor Juana desarrolla, año tras año, en obra tras obra, para desconstruir la Trinidad masculina y reconstruirla a base de un principio femenino*¹⁶” (EGAN, 1993, p. 330).

Em suas obras Paz (1982) relata que podemos identificar várias versões de Sor Juana, ele afirma que “*Sor Juana es una individualidad poderosa y su obra posee innegable singularidad; al mismo tiempo, la mujer y sus poemas, la monja y la intelectual, se insertan en una sociedad: Nueva España al final del siglo XVII.*” (PAZ, 1982, p. 4)¹⁷. Contando com a admiração e a proteção da Família Real Mancera, segundo Araújo (2014), Sor Juana durante seu confinamento no convento, conseguiu total liberdade para se deter a suas leituras e obras, devido as boas relações que criara. Mas infelizmente, essa liberdade não durou muito tempo, pois:

[...] depois da “Carta Atenagórica” (1690), em que criticava os sermões do padre Antônio Vieira, Sor Juana passou a ser perseguida pelo poder eclesiástico da Nova Espanha, sobretudo pelo bispo de Puebla, pois a carta teve uma grande repercussão nos meios clericais. Com o peso da Inquisição no seu encaço, e com a alternância política no vice-reinado, Sor Juana perdeu grande parcela da liberdade de escrever. (ARAÚJO, 2014, p. 28).

Dessa forma, o enfrentamento aos dogmas religiosos resultaram em uma perseguição opressora, em que de acordo com Cardoso (2003), a igreja obrigou a freira a entregar sua biblioteca de quatrocentos volumes ao arcebispo do México o qual vendeu tudo e dividiu o dinheiro entre os mais necessitados. Mais tarde, ascendendo ao ofício de Bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz y Sahagún, usando de um pseudônimo de Sor Filotea de la Cruz, para poder rebater os escritos de Sor Juana, segundo Araújo (2014), o motivo do uso de um pseudônimo se explica por que “no México do século XVII, seria impensável que um homem se “rebaixasse” a discutir assuntos masculinos com uma mulher” (ARAÚJO, 2014, p. 28).

¹⁶ É importante notar ademais da base teológica que Sor Juana desenvolve, ano após ano, obra após obra, a desconstrução da Trindade e a reconstrução de um princípio feminino. (Tradução nossa)

¹⁷ Sor Juana é uma individualidade poderosa e sua obra possui inegável singularidade: ao mesmo tempo, a mulher e seus poemas, a freira e a intelectual, se inserem em uma sociedade: Nova Espanha ao final do século XVII. (Tradução nossa)

De acordo com Lopes (2018), um dos fatos marcantes que acabaram contribuindo para tornar Sor Juana a Fênix do México¹⁸, foi quando escreveu a “Carta Atenagórica”, em que expressava a igualdade dos sexos e liberdade feminina, em resposta ao bispo de Puebla, que foi rejeitado pela freira como seu confessor, quando o mesmo defendia que a escrita era uma atividade predominantemente masculina.

Sor Juana representa ainda hoje, umas das mais importantes figuras feministas de nossa época, dentro de uma sociedade sexista, a freira não se via emergida no conceito religioso de ser mulher do século XVII, criticando inclusive, a hipocrisia que subjogava a imagem da mulher perante as vontades masculinas, a saber disso, Lopes (2018) ressalta que:

A erudição de Juana Inés permitiu a ela se corresponder com grandes personagens hispânicos, chegando a escrever até mesmo para o Papa. Os temas por ela escolhidos versavam sobre a liberdade. Uma de suas obras mais marcantes como feminista e na luta da liberdade de expressão sobre a mulher, foi, sem dúvida, seu poema por ela intitulado *Hombres Necios*, ou seja, “homens estúpidos”. Nele, Juana Inés defende o direito das mulheres e expressa a necessidade que as mesmas têm de serem respeitadas como seres humanos. Tece ainda uma crítica ao sexismo ao atribuir como hipocrisia os homens condenarem a prostituição, uma vez que estes próprios eram os que se utilizavam dela. Possuía em sua biblioteca escritos atípicos, que versavam pelas mais diversas áreas do conhecimento. (LOPES, 2018, p. 153).

É bem verdade que, através de seus escritos Sor Juana deixou marcado seu posicionamento sobre o papel social da mulher na época, de acordo com Lopes (2018), Sor Juana se dividia entre a igreja e o mundo muito facilmente, o acesso aos estudos a ajudou muito a entender sua posição na luta entre o sacro e o profano, ao mesmo tempo que presenteava os amigos com cantares de cunho religioso, a freira produzia peças teatrais que questionavam as relações sociais das mulheres de sua época, demarcando com uma voz feminina a representação insatisfeita de sua vida doméstica na sociedade mexicana do século XVII, entre as obras, Lopes (2018) cita duas comédias que mais enfatizam essa visão, passada por Juana Inês, *Los empeños de una casa* (1683) e logo depois *Amor és más labirinto* (1692).

Em 1695, a freira, poetisa, militante pelas causas femininas, falece por conta de uma epidemia que se alastrou pelo convento. Lopes (2018, p. 155) alega que “Sor Juana Inés de la Cruz chegou a prestar socorro a várias outras monjas, mas acabou contaminada, vindo a

¹⁸ A Fênix é uma ave que simboliza o renascimento, o triunfo da vida sobre a morte, o eterno recomeçar, porém sem perder a essência ao se tratar sempre da mesma criatura. Os cristãos também utilizam o pelicano como metáfora do renascimento e do sacrifício. Acessado em: < <https://www.todamateria.com.br/fenix/> >

falecer em 17 de abril daquele ano, com quarenta e três anos de idade”. De acordo com Andrade (2013) nos anos seguintes após sua morte, vários poetas mexicanos e espanhóis, ofereceram o nome de Sor Juana com os mais poéticos epítetos.

Apesar de seu nome ter sido esquecido por quase duzentos anos, após sua última homenagem em 1725, pelo seu admirador Juan Ignacio de Castorena y Ursúa, Bispo de Iucatã e reitor da Universidade do México, “sua primeira reaparição não foi no México, nem na Espanha, mas numa solitária edição equatoriana: *Obras selectas de la célebre monja de México, sor Juana Inés de la Cruz*, apresentada em Quito, em 1873, pelo poeta Juan León Mera”(ANDRADE, 2013, p. 8), E desde então, suas obras inspiram milhares de poetas e estudiosos que as leem e releem, desvendando nos escritos de uma “simples” freira, que usava com sabedoria as palavras para expressar nas entrelinhas a visão de uma mulher muito à frente de seu tempo.

3.2 Alfonsina Storni

Alfonsina Storni nasce no dia 2 de maio em 1892, em Capriasca na Suíça. Sua família vivia em San Juan, na Argentina, seu pai Alfonso Storni era um visionário, foi o primeiro produtor de refresco e gelo na cidade. Por conta do vício alcoólico de Alfonso, os negócios não estavam indo muito bem, pois ele estava desperdiçando todo patrimônio da família. Como a precária situação financeira da família os estavam afetando muito, por ordem médica, Alfonso com sua esposa grávida de Alfonsina e seus dois filhos viajaram para Suíça, e dessa maneira, durante o passeio nasce a Alfonsina Storni. Logo depois que Alfonsina nasceu, voltaram para a Argentina onde seguiram suas vidas em uma cidade no interior. A infância de Alfonsina, foi muito marcada pelas personalidades fortes de seus pais, “*Paulina su madre, fue una mujer hermosa, mundana, con talento musical, en cuya casa reunía lo mejor de la sociedad de aquel entonces. Su padre fue un hombre taciturno que dejó recuerdos imborrables en la sensibilidad de Alfonsina.* (TERGAZA, 1967, p. 127)¹⁹.

Com uma situação financeira precária, e o gosto pela vida boemia de seus pais, Alfonsina desde muito cedo teve que trabalhar para poder se sustentar e ajudar nos proventos de casa. Desde muito pequena, segundo Tergaza (1967), a poetisa, começou a trabalhar como

¹⁹ Paulina sua mãe, foi uma mulher bonita, mundana, com talento musical, em cuja casa reunia o melhor da sociedade daquela época. Seu pai foi um homem taciturno que deixou recordações emborráveis na sensibilidade de Alfonsina. (Tradução nossa)

ajudante de seu pai em um café, trabalhou com costuras a domicílio, e até em uma oficina de chapéus. Mais tarde, consegue trabalho numa companhia de teatro e desenvolve seus contatos com o mundo artístico, a jovem Alfonsina vai desvendando seus talentos e gostos,

Tudo se inicia nos anos da infância onde, apesar dos contratempos e das desgraças, apesar da pobreza e da falta de perspectiva, a criança Alfonsina vai se desenvolvendo, lutando e sobrevivendo como tantas outras crianças latino-americanas. A menina cresce, torna-se adolescente e sonha muito. Acaba como quase todos, achando seu nicho na sociedade e ali se instala. Vitórias, derrotas, erros e acertos, os ingredientes mais comuns. (NUNES,2001, p.32).

Depois de um ano decidiu abandonar a carreira de atriz, de acordo com Tergaza (1967), Alfonsina se muda para Coronda e inicia seus estudos na escola “Normal Mixta de Maestros Rurales” e anos mais tarde inicia sua carreira docente na “Escola Elemental número 65 de Rosário”. Tergaza (1967), ainda agrega que foi ali, em Rosario, que Storni, inicia sua carreira como poetisa, escrevendo seus primeiros escritos em 1911, “Mundo Rosarino” e “Monos y Monadas” e momentos depois conhece o pai de seu filho. Porém Tergaza (1967) relata que, pelas limitações que o ambiente lhe trazia, Alfonsina decide abandonar tudo em Rosário e viaja sozinha, grávida, para Buenos Aires, em busca de mais oportunidades. Sobre sua chegada a Buenos Aires, Rocha (2009) agrega que Alfonsina ambicionava viver da arte da literatura e complementa que em Buenos Aires, Alfonsina:

Transita, desde sua chegada, nos círculos intelectuais vinculados à revista *Nosotros* e estabelece laços com Delfina Bunge, Manuel Gálvez, Roberto Giusti, Carolina Muzzilli e com o grupo dirigido por Horacio Quiroga. Participa das “peñas” no Café Tortoni, onde canta tangos e declama poesias. (ROCHA, 2009, p, 47).

Ainda de acordo com Rocha (2009), Alfonsina passa a se inserir de forma rápida ao ambiente intelectual da época, e começa a ser reconhecida pelo seu talento e pelo tom provocativo dos seus escritos, Tergaza (1967) disserta que Alfonsina foi a primeira mulher que deu um novo rumo à vida intelectual feminina na Argentina, pela qual inaugurou costumes, como a participação das mulheres nos banquetes que eram oferecidos aos escritores.

IMAGEN 04 – Alfonsina Storni

Fonte: <http://www.blogletras.com/2019/05/alfonsina-storni-relevancia-artistica.html>; Acesso: 24/08/2020.

Esta facilidade de Alfonsina transitar no seio da elite literária bonaerense, dá-se a partir da segunda metade do século XIX houve processos de grandes mudanças na sociedade Argentina, e com a chegada da modernidade houve grandes transformações no modo de vida das pessoas. Rocha (2009) diz que isto está,

[...] diretamente vinculado a uma serie de transformações: a modernização socioeconômica e política que o Estado argentino impulsiona, a principio a oligarquia, a partir da segunda metade do século XIX, como a unificação territorial, a organização, e o funcionamento de um aparelho burocrático estatal; a crescente secularização da sociedade; o desenvolvimento de uma economia primária agroexportadora; a imigração massiva de força de trabalho vindas de países do sul europeu, a urbanização de Buenos Aires, Rosário e outras capitais províncias, assim como a difusão de um conjunto de imagens simbólicas que configuram um imaginário comum em torno da nacionalidade.(ROCHA, 2009, p.20-21).

No campo da modernidade intelectual, com o objetivo de estagnar os conflitos de ordem social e político, o governo deu a oportunidade dos imigrantes terem acesso aos estudos, “desta forma, a elite argentina permitiu que os imigrantes tivessem acesso ao ensino castelhano e da história argentina, numa tentativa de disciplinar os revoltosos, fazendo-os se sentir parte da nação” (OLIVEIRA, 2009. p.15). Dessa forma, Alfonsina Storni segue sua trajetória, refletindo em seus escritos tudo que ansiava por parte da autonomia para a classe feminina.

Com uma produção jornalística mais ativa e muito mais leitores, a escritora Alfonsina Storni, influenciada pelo movimento vanguardista, utilizou de suas “penas” como meio para adentrar neste processo político e social da sociedade Argentina, participando de forma mais crítica e ativa. Porém, a pesar de todo esse avanço que a modernidade apresentava, o sexo feminino ainda passava por fortes repressões trazidas pela própria influência europeia.

Oliveira (2009) ressalta que ser leitora naquela época tinha suas dificuldades, primeiro, por que o acesso a cultura ainda era bem difícil para as mulheres, independente da classe social, a mulher tinha seu contato aos estudos e leituras de forma muito censurada e restrita, pois “o espírito da época ainda acreditava que os homens haviam nascido para o racional, enquanto as mulheres eram seres delicados e sem grandes inclinações intelectuais” (OLIVEIRA, 2009, p. 28).

IMAGEN 05 – *Irremediamente Alfonsina*



Fonte: <https://escamandro.wordpress.com/2018/01/28/alfonsina-storni-1892-1938-por-victor-hugo-turezo/>;
Acesso: 24/08/2020.

Alfonsina como escritora, preservava a ironia e simbologia de Ruben Darío, do qual era leitora assídua. Em seus escritos, Alfonsina deixa marcado toda a hipocrisia que a moderna sociedade apresentava, a poetisa defendia a liberdade feminina igualando os direitos da mulher com os dos homens, sobre isso Oliveira (2009) declara que:

Ousou quebrar a atmosfera inocente da época, afirmando ser mulher, falando de desejos sexuais, despindo-se por inteiro diante da sociedade, e sem medo afirmou ter direitos iguais aos dos homens. Alfonsina cantou abertamente ao amor livre, a capacidade da mulher sustentar um filho sem ajuda do homem, o direito ao voto e ao divórcio. Em sua obra encontramos o cenário social de sua época e as tribulações femininas escancaradas pelo feminismo. (OLIVEIRA, 2009. p 36)

Sobre suas produções, em 1916, a poetisa inicia seu lugar na literatura, publicando seu primeiro livro, “La inquietude del Rosal”, logo depois “El Dulce daño” em (1918), “Irremediamente” em 1919 e em seguida “Languidez” em 1920.

Publicações essas que retratam, de forma enfática, suas frustrações com os estereótipos que eram cobrados das mulheres para se adequarem aos padrões exigidos. Mais à frente, são publicados “Ocre” em (1925) e “Poemas de Amor” em (1926), em que Alfonsina retrata seu descontentamento com a postura do homem hispano-americano, ao exigir uma pureza utópica

por parte das mulheres. Rocha (2009) afirma que apesar de Alfonsina ter inúmeras publicações em jornais e revistas, e ter em seus artigos e ensaios sua postura feminista bem marcada, para o mundo literário hispânico, Storni é reconhecida mais como poetisa do que ensaísta ou prosista, pois a escritora dedicou boa parte de sua vida às produções de seus poemas.

Alfonsina Storni, criou através da literatura seu diário e fez desbravadamente, sem o temor de como seria interpretada. De grande influência, embora duramente criticada por grupos de mulheres conservadoras, Storni obteve a maestria que parte das mulheres de sua época que liam seus escritos se identificassem, diante do contexto social que viviam, “*También cabe señalar, como caso único de las letras femininas, su popularidad, pues no había adolescente que no llevara bajo el brazo sus poesías de amor o recitara de memoria sus poemas*” (TERGAZA, 1967, p. 130).²⁰

Em outubro de 1938, com apenas 46 anos, Alfonsina se suicidou, nas águas de *Mar del Plata*. Vários fatores contribuíram para que fizessem a escritora cometer tal ato, além da árdua luta contra o câncer de mama, que resistia mesmo depois da operação, e todo o afastamento social que lhe havia provocado a doença; três anos antes de falecer, a poetisa foi fortemente bombardeada com os subsequentes suicídios de pessoas que estimava muito, entre eles, o escritor Horácio Quiroga, com quem Alfonsina teve um breve romance e seu amigo escritor e jornalista Leopoldo Lugones, de acordo com Miceli (2013):

Nos três últimos anos de vida, a perda de amigos queridos, desaparecidos em circunstâncias trágicas, acirrou o desespero com o estado de saúde. Horacio Quiroga se suicidou com a ingestão de cianureto, em 1937, ao se dar conta de que o câncer de próstata era incurável. Em fevereiro de 1938, o poeta Leopoldo Lugones, a figura máxima da literatura argentina, se mata com arsênico e uísque; em setembro, Eglé, filha de Quiroga, estimada por Alfonsina, também se suicida. (MICELI, 2013, p. 83-113).

Tudo isso para Alfonsina, provocou um desequilíbrio psíquico muito forte. Antes do suicídio, Alfonsina chegou a trocar cartas com seu filho e algumas horas antes de morrer enviou para o jornal *La Nación*, o poema “*Voy a dormir*”, despedindo-se assim de todos, amigos e leitores. Sua morte foi um choque, encontraram seu corpo boiando pelas águas de *Mar del Plata*. Rocha (2009) descreve o recorrido da seguinte forma:

²⁰ Também cabe ressaltar, como caso único das letras femininas, sua popularidade, pois não havia adolescente que não levasse embaixo do braço suas poesias de amor ou recitasse de memória seus poemas. (Tradução nossa)

O filho escuta pelo rádio o acontecido. Levam o corpo de Storni a Buenos Aires; o cortejo até *Recoleta* é longo e repleto de saudações das pessoas que apreciam sua poesia. Em 26 de outubro, rendem-lhe homenagem vários escritores, artistas e autoridades nacionais. (ROCHA, 2009, p. 80).

E para que sua trajetória ficasse bem marcada, como um último gesto de adeus, levantaram um monumento em homenagem à poetisa, e quem passear pela praia de *La Perla*, lugar em que foi encontrado seu corpo, tem a possibilidade de participar e compartilhar um pouco da história desta grande mulher.

IMAGEN 06 – Monumento a Alfonsina Storni em frente à praia *La Perla* no Mar da Prata.



Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/2014/06/alfonsina-storni.html> Acesso: 24/08/2020.

Dessa maneira, a partir de toda a carga de conhecimento que expomos até agora, partiremos para análises dos poemas *Tú me quieres blanca* (1918) de Alfonsina Storni e *Hombres Nécios* (1689) de Sor Juana Inés de la Cruz, nos quais evidenciaremos suas posições feministas e como as poetisas viam as mulheres de suas épocas e questionavam as tradições.

4. ANÁLISE DOS POEMAS

Neste capítulo analisaremos os poemas *Hombres Nécios* (1689) de Juana Inês de la Cruz e *Tú me quieres blanca* (1918) de Alfonsina Storni, evidenciando nessas obras suas expressões em relação a imagem feminina de suas respectivas épocas, dessa forma iremos fazer tais análises, comparando e destacando o ponto de vista das poetisas, relacionado aos temas de pureza e castidade utópica.

4.1 Imagem Feminina: Sociedade Patriarcal.

Em oposição à contra- reforma do catolicismo, o Barroco que surge na Itália entre os séculos XVII e XVIII, traz em seu movimento todo esplendor e dramaticidade de maneira a criticar a dura imposição religiosa da Igreja Católica. Com isso,

El Barroco es el movimiento artístico que se produce después del Renacimiento; la serenidad, el equilibrio, el racionalismo y la sobriedad del Renacimiento dio paso al movimiento, a la exuberancia, a la grandiosidad y, a la fascinación del Barroco. El Barroco es todo aquello que se rebela a lo anterior, a los cánones, es una rebelión intelectual e interior ante lo establecido. ²¹(LÓPEZ, 2005, p. 519.).

Dessa maneira, Juana Inês demonstra suas insatisfações em relação a essa imposição religiosa da época, em específico no caso da poetisa, a inferioridade da mulher subordinada ao jugo masculino. Rezende (2014) relata que ao escrever *Hombres Necios*, Sor Juana demonstra que estava “[...] incomodada com o propalado domínio racional masculino e com a posição inferior, irracional, ocupada pelas mulheres” (REZENDE, 2014, p .5). Vejamos:

*1º Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis.*²²

Logo de início, se faz perceptível que Juana Inês quando faz a indagação, atribui aos homens o adjetivo “*Necios*”, de acordo com a “*Real Academia Española*”²³ este termo significa, “*Falta de inteligencia o de razón*”²⁴, o que para a época demonstra uma atitude ultrajante, pois “O contexto social do século XVII é marcado pela predominância do pensamento machista e pelo regime patriarcal que defendia o homem como principal detentor do conhecimento” (MESSIAS e CUNHA, 2015, p. 143). A partir da segunda estrofe de *Hombres Necios*, como veremos mais adiante, Silva (2018) expressa que, Juana Inês torna os

²¹ O Barroco é o movimento artístico que se produz depois do Renascimento; a serenidade, o equilíbrio, o racionalismo e a sobriedade do Renascimento deram lugar ao movimento, a exuberância, a grandiosidade e, a fascinação do Barroco. O Barroco é todo aquele que se rebela ao anterior, aos cânones, é uma rebelião intelectual e interior ante ao estabelecido.

²² Homens néscios que acusais a mulher sem ter razão, sem ver que sois a ocasião daquilo de que as culpais. Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 2000. Acessado em:<http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

²³ Pode ser encontrado neste site: <https://dle.rae.es/necio>

²⁴ Falta de inteligência ou de razão. (Tradução nossa).

homens culpados por incitar as mulheres ao pecado do desejo carnal, e ao mesmo tempo, as assola por se deixarem levar pelo pecado,

*2º si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?*²⁵

De acordo com Silva (2018, p. 15) com um teor irônico e satírico, “No poema a autora critica o retrato dessa sociedade através do comportamento dos homens e o tratamento que estes impõem às mulheres”. A pesar do tempo transcorrido, esta mesma temática continua bem vigentes séculos depois. Essa imposição masculina sobre a influência feminina é bem demarcada em *Tú me quieres blanca* (1918) de Alfonsina Storni, a poetisa em questão retoma viva a luta pelos direitos da classe feminina, fazendo reascender em seu poema a voz de Juana Inês em *Hombres Necios*, assim como relata Retamar (2020):

De igual maneira, é também crítico e irônico o poema “Tú me quieres blanca” (STORNI, 1956), um dos poemas mais conhecidos de Alfonsina, do *El dulce daño*. Tal poema, como veremos, dialoga e retoma com o poema “Hombres Necios” (1689), de Soror Juana Inês de la Cruz, ao se dirigir diretamente a um homem questionando a sua condição de exigir um comportamento da mulher ao qual ele mesmo não segue. Quer dizer, Alfonsina nesse poema, não apenas fala com voz própria, mas faz reverberar outra mulher pioneira na escrita, Soror Juana Inês de la Cruz, fazendo ver que a luta por direitos já possui uma longa caminhada. (RETAMAR, 2020, p.6).

Usando da mesma colocação, pela qual, também se posicionou Sor Juana, Alfonsina começa o poema indagando essa postura machista e incoerente do comportamento masculino sobre a figura feminina:

*1º Tú me quieres alba,
me quieres de espumas,
me quieres de nácar.
Que sea azucena
5º Sobre todas, casta.
De perfume tenue.
Corola cerrada.*²⁶

²⁵ se com ânsia sem igual solicitais seu desdém, por que quereis que ajam bem, quando as incitais ao mal? Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 2000. Acessado em: <http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

²⁶ Tu me queres alva, me queres de espuma, me queres de nácar, que seja açucena mais casta que todas. Utiliza-se a tradução feita por Osvaldo Orico. Acessado em: <http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html>

(STORNI, *Tú me quieres blanca*, 1918)

Guiada pelas ideias do movimento vanguardista, a poetisa modernista Alfonsina Storni se guiou nessa arte de romper com o tradicional, de indagar o sistêmico e ter uma nova maneira de ver e sentir o mundo, Alfonsina assim como Sor Juana, usa da ironia com maestria, metaforicamente a poetisa argentina, utiliza as simbologias de pureza para questionar essa pretensão dúbia masculina, entre a castidade e o pecado. De acordo com Retamar (2020), Alfonsina utiliza do pronome pessoal na segunda pessoa, evidenciando não somente os homens, mas a sociedade machista em si,

“[...] o “tu”, com quem dialoga, não é apenas o homem, mas se alinha com todo o comportamento opressor em relação à mulher manifestado pela sociedade da época. Assim, para chamar atenção para essa causa, tão sua e, mas também tão de todas as mulheres, a poeta ironiza a posição privilegiada do homem. (RETAMAR, 2020, p.7).

Sor Juana expressa essa contradição das vontades masculinas, de forma bem contundente, quando questiona no poema *Hombres Necios* a conduta evasiva dos homens em relação às atitudes femininas, em que os condena provocadores e imprudentes ao lidar com suas próprias vontades, vejamos:

*8º Opinión ninguna gana,
pues la que más se recata,
si no os admite, es ingrata
y si os admite, es liviana.*

*9º Siempre tan necios andáis
que con desigual nivel
a una culpáis por cruel
y a otra por fácil culpáis.*

*10º ¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata ofende
y la que es fácil enfada?²⁷
(CRUZ, *Hombres Necios*, 1689)*

²⁷ 8º Toda opinião sua é insana; pois a que mais se recata, se não vos admite, é ingrata, se vos admite, é leviana.

9º Sempre tão néscios andais que, com desigual nível, uma culpais por cruel, outra por fácil culpais.

10º Como há de estar temperada a que vosso amor pretende, se a que é ingrata vos ofende, se a que é fácil vos enfada? Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 2000. Acessado em: <http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

A poetisa expõe de fato como a mentalidade do homem da época fazia jus ao título que atribuiu ao poema, que por seus devaneios mentais e morais colocavam as mulheres dentro de uma grande confusão mental, o que comprometia no comportamento feminino, pois se correspondiam as suas investidas eram consideradas “fáceis” e “levianas” e se às rechaçassem eram “cruéis” ou “ingratas”, sobre isso Rezende (2014) aborda que:

A poetisa ilustra o domínio do homem sobre a mulher, um domínio contraditório, pois, embora ele devesse agir racionalmente, o que se percebe é o oposto, ou seja, sua confusão e imprecisão mental é que acabam por se tornar a causa da suposta irracionalidade das próprias mulheres. (REZENDE, 2014, p. 102).

Dessa maneira, percebemos, assim como expressa Rezende (2014), que essa carga de “liberdade social” que foi dada ao homem, gerou uma conduta diferente da que se esperava, pois, considerado na época o sexo superior por que tinha uma natureza racional, Sor Juana assim como as demais mulheres de seu tempo, sofria com o pensamento de que o sexo feminino era inferior intelectualmente ao homem, por conta de sua biologia, as tornando assim mais suscetíveis a esta influência masculina transitória.

Discordando neste ponto, de que se considerava que haviam elementos naturais e intelectuais na divisão dos sexos, assim como Sor Juana, Alfonsina Storni acreditava e lutava por direitos iguais, colocando o homem e a mulher em uma mesma medida de direitos, capacidades e deveres, assim como expressa Rezende (2014),

“A mulher sofria, como se viu em Sor Juana, as consequências de um jugo que remonta ao passado e que se baseia no entendimento de que a diferença entre homens e mulheres é um elemento natural e também intelectual. Alfonsina Storni, poetisa argentina do início do século XX, discorda dessa naturalidade e traduz, em seus poemas, a luta por uma relação de igualdade entre os sexos, ou seja, tudo aquilo que se exige da mulher deve também ser exigido do homem.” (REZENDE, 2014, p.102-10).

A poetisa argentina deixa isso bem claro quando evidencia no seu poema o questionamento da “liberdade mundana” dada ao homem e o encerramento religioso que é imposto à mulher, vejamos:

*Ni un rayo de luna
filtrado me haya.
10ª Ni una margarita
se diga mi hermana.
Tú me quieres nívea,*

*tú me quieres blanca,
 tú me quieres alba.
 15°Tú que hubiste todas
 las copas a mano,
 de frutos y mieles
 los labios morados.
 Tú que en el banquete
 20°cubierto de pámpanos
 dejaste las carnes
 festejando a Baco.
 Tú que en los jardines
 negros del Engaño
 25°vestido de rojo
 28°corriste al Estrago.*

Alfonsina deixa bem claro nesses trechos sua revolta em relação a essa posição desigual entre os sexos, em que ser do sexo masculino lhe é dado o direito de disfrutar dos prazeres carnavais e ao mesmo tempo, exigir da mulher uma conduta totalmente ilibada, a poetisa faz levantar a voz feminina por essa busca de direitos iguais para homens e mulheres, “Como se vê, em Alfonsina Storni, vislumbra-se algo de desarmônico na tradição da relação homem e mulher, e a busca de uma visão de igualdade e de direitos compartilhados entre os sexos” (REZENDE, 2014, p.104).

4.2 Pureza, Castidade Utópica e suas Simbologias.

Como podemos perceber, as poetisas se encontram através de seus escritos em uma mesma luta, a da resistência, já que por serem mulheres eram obrigadas a aceitarem os padrões que eram impostos pela sociedade que mantinha um pensamento regido por um regime patriarcal que excluía as mulheres de serem totalmente ativas como cidadãs no meio social, as reduzindo a tarefas e padrões por serem do gênero feminino.

Nos dois poemas verificamos como as poetisas utilizam as simbologias para exemplificarem os padrões impostos para homens e mulheres que de fato geram uma imposição de valores de forma significativa. A relação da castidade e pureza sempre esteve atrelada de forma exigente sobre a figura da mulher. No medievo, o ato sexual ganhou uma

²⁸ Nem raio de lua filtrado me toque. Nem a margarida, seja minha irmã. Tu me queres nívea, tu me queres branca, tu me queres casta. Tu, que as taças todas já tiveste à mão. Os lábios corados de frutos e mel. Tu, que no banquete coberto de pámpanos, as carnes gastaste festejando a Baco. Tu, que nos jardins escuras do engano, lascivo e vermelho correste ao abismo. Utiliza-se a tradução feita por Osvaldo Orico. Acessado em: <http://www.antonio Miranda.com.br/Iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html>

visão muito negativa, gerando um atributo somente de procriação, de forma que o prazer pelo mesmo era considerado pecaminoso, assim como denota Cardoso (2003, p. 22), “Esta visão tão negativa da sexualidade humana contribuiu para desvalorizar ainda mais a mulher, acentuando-se a ideia de que a sua natureza sensual era a origem de todos os males”.

Em *Hombres Necios* (1689), Sor Juana utiliza a simbologia de Taís e Lucrecia²⁹ para demonstrar que embora a castidade antes do casamento fosse sagrada para a consumação do matrimônio, ao homem não era exigido com tanto vigor a condição de casar-se virgem, de acordo com Foucault (1984):

A "fidelidade" sexual do marido com relação à sua esposa legítima não era exigida pelas leis nem pelos costumes; não deixava de ser, contudo, uma questão que se colocava e uma forma de austeridade a que certos moralistas conferiam grande valor. (FOUCAULT, 1984, pg. 19).

Dessa maneira, Sor Juana questiona, que os homens escolhem e decidem a vida das mulheres quando determinam as que são para escarnecer e as mulheres que serão para casar, vejamos:

*5º Queréis con presunción
necia hallar
a la que buscáis,
para pretendida,
Taís y en la posesión,
Lucrecia”.*³⁰
(CRUZ, *Hombres Necios*, 1689)

Usando de suas leituras das histórias da antiguidade a poetisa mexicana de forma satírica e muito perspicaz utiliza as duas personagens para demonstrar a dúbia relação que o homem colocava a figura da mulher, de acordo com Messias e Cunha (2015):

Aqui a poetisa se utiliza de suas leituras clássicas e realiza uma metáfora entre duas mulheres da antiguidade: Tais e Lucrecia. Estas representam dois estereótipos da figura feminina com caráter distintos, sendo a primeira uma prostituta e a segunda uma mulher honrada e pura. Sórora Juana denuncia a realidade vivenciada pelas

²⁹ Thais, foi uma cortesã grega nascida no século IV a. C, era uma amante de Alexandre o Grande e muito famosa pela grande beleza que possuía. Lucrecia era uma senhora romana, desde o século VI a. C, esta mulher foi estuprada por um filho do rei Traquinio, após isso decidiu dar fim à sua vida devido à grande desgraça que sentiu. Acessado em: < <https://brainly.lat/tarea/3957>>.

³⁰ Queréis, com presunção néscia, achar a que procuras, se para noiva, Taís, se para amante, Lucrécia. Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 2000. Acessado em: <http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

mulheres nesse período e sua condição de inferioridade não muito distante da antiguidade clássica. (MESSIAS e CUNHA, 2015, p. 149).

Storni também emprega figuras simbólicas para expressar essa exigência da castidade utópica na imagem das mulheres, a poetisa em seu poema utiliza as expressões, / *Tú me quieres alba, / me quieres de espumas, / me quieres de nácar/ Sobre todas, casta, / De perfume ténue, /Corola cerrada*,³¹ expressando o estado considerado de intocabilidade, o qual faz da mulher “idealizada” aquela que se vê limpa, pura, alva, abordando inclusive a simbologia de nácar,³² em que faz a relação das partes íntimas da mulher com o interior da concha de um molusco. A poetisa argentina também utiliza da comparação da mulher tão delicada e superficial quanto uma espuma, de maneira inteligente compara a exigência masculina em relação à mulher como uma /*Corola cerrada*³³ de maneira fechada, inviolável.

Através disso, Alfonsina demonstra que a mulher do século XX que não se enquadrasse nessas especificidades superficiais, não se encaixava como uma mulher “ideal” para o matrimônio, de acordo com Retamar (2020):

Portanto, em “Tú me quieres blanca”, testemunhamos um desabafo da poeta que se dirige a um comportamento castrador masculino, ou de uma sociedade encabeçada pelo homem ou por sua visão limitante, limitada e limitadora, que se pretende universal. Essa sociedade que julga a mulher é quadrada e nela não há espaço para aquela que não é “pura”, não é “blanca”, não é virgem. ((RETAMAR, 2020, p.7).

Mas não obstante, Storni deixa bem claro sua reivindicação quando cita vários verbos que impõe ao homem, digno de suas exigências, Rocha (2009) expressa que:

Em “Tú me quieres blanca”, a temática da reivindicação feminina de igualdade nas relações homem/mulher faz-se ecoar na enumeração de atributos que o homem deve realizar, *Huye, vete, límpiate, vive, toca, alimenta, bebe, duerme, renueva, habla, levate*, como formas de purificação junto à natureza harmônica, para, somente depois, pode estar com a mulher ou exigir dela pureza e castidade.(ROCHA, 2009, p.52).

³¹ Tu me quieres alba, me quieres de espuma, me quieres de nácar, que seja açucena mais casta que todas. De perfume suave, corola fechada. Utiliza-se a tradução feita por Osvaldo Orico. Acessado em: <http://www.antonimiranda.com.br/Iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html>

³² Substância dura, irisada, rica em calcário, produzida por alguns moluscos, no interior de sua concha, que é utilizada em bijuteria e marchetaria. (O nácar das conchas é feito de camadas planas, enquanto as pérolas finas, produzidas pelas ostras, são compostas por camadas esféricas e concêntricas feitas pelos mesmos elementos do nácar.) <https://www.dicio.com.br/nacar>.

³³ A palavra latina “corola”, que se refere a uma coroa de tamanho pequeno, chegou ao português como corola. O termo é usado para nomear a segunda espiral que faz parte das flores completas, localizadas entre os órgãos sexuais e o cálice. <https://conceito.de/corola>

Dessa maneira, Alfonsina esclarece, que aos homens que desejam uma mulher, “limpa” e “pura” como a natureza, devem buscar da mesma para assim ter o que se exige, colocando os homens com as mulheres par a par nas relações de comportamento, rompendo com a desmedida cultura de liberdade “mundana” que é oferecida aos homens. A poetisa, assim como Sor Juana, emprega símbolos da antiguidade como */festejando a Baco*³⁴, em forma de reivindicação, demonstrando como viviam os homens de sua época, em relação ao que se exigia do comportamento feminino, através das estrofes,

*15º Tú que hubiste
todas las copas a mano
de frutos y mieles
los labios morados
Tú que en el banquete
20º cubierto de pámpanos
dejaste las carnes
festejando a Baco.*³⁵

Alfonsina joga ao homem toda sua culpabilidade, mediante a vida que levava, comparando suas experiências com um “bacanal”, em que o mesmo se deleita nos prazeres carnavais que era repudiado pelos valores morais cristãos, valores esses que utilizavam para exigir tal “pureza” do sexo oposto. Sobre isso, Rocha (2009), acrescenta que quando Alfonsina expressa essa vida social masculina, a poetisa resgata um discurso social que,

“registra a ideologia masculina da época, na qual tudo é permitido ao homem, inclusive desejar uma mulher pura, depois de haver pecado, dentro de um modelo católico-cristão. A voz enunciativa da mulher, escrito em primeira pessoa, ao enumerar os desejos do homem e os pecados do mesmo, reivindica um lugar de não aceitação por parte da mulher deste status quo machista, e, além disso, exige o que ele deve fazer para aceder ao poder/ter este objeto valor, a mulher casta”.(ROCHA,2009, p. 52).

Desta forma a poetisa, coloca-se na posição de questionadora, em que explicita a hipocrisia machista, quando expressa de maneira indulgente, */no sé todavía por cuáles*

³⁴ Baco era um dos apelidos de Dionísio, o deus grego do vinho e do delírio místico, comumente utilizado entre os romanos para designá-lo. Baco era um semideus, pois era filho de Zeus, o deus do céu e considerado o rei dos deuses, e a humana Sêmele. <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/baco/>

³⁵ Tu, que as taças todas já tiveste à mão. Os lábios corados de frutos e mel. Tu, que no banquete coberto de pámpanos, as carnes gastaste festejando a Baco. Tu, que nos jardins escuras do engano, lascivo e vermelho correste ao abismo. Utiliza-se a tradução feita por Osvaldo Orico. Acessado em: http://www.antonioiranda.com.br/Iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html

milagros, / me pretendes blanca (Dios te lo perdone), /me pretendes casta (Dios te lo perdone), /¡me pretendes alba!/.³⁶

Ainda nesta mesma temática entre “carne” e “santidade”, Sor Juana evidencia essa arrogância machista quando expressa que os homens trazem os pecados em seus corpos e reivindica, sobre essa desmedida realidade que vivenciavam:

*18º Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogancia,
pues en promesa e instancia
juntáis diablo, carne y mundo.³⁷
(CRUZ, Hombres Necios, 1689)*

A poetisa mexicana, relata aqui que */con muchas armas fundo/*,³⁸ ou seja, com todos os argumentos cristãos que utilizavam para decidir sobre o futuro de uma mulher, são de cunho hipócrita, pois trazem em suas atitudes as condenações de uma vida promiscua e errônea, segundo os preceitos religiosos, demonstrando mais uma vez as atitudes néscias e incoerentes com que diligenciavam suas vontades, Messias e Cunha (2015) adendam que:

Sóror Juana, no desfecho de seu poema, utiliza a simbologia para expressar a sua insatisfação diante da realidade social medíocre e injusta de sua época. A expressão —” armas profundas” funciona como metáfora que denuncia o poder dominante da figura masculina; na expressão gradativa „diablo, carne y mundo”, a palavra diablo representa a reprovação das atitudes masculinas conforme os preceitos religiosos e morais; a carne significa a luxúria e o desejo, e por último, o mundo representa a corrupção e os elementos profanos. (MESSIAS e CUNHA, 2015, p.148-149).

Dessa maneira, percebemos como as duas poetisas, já questionavam o lugar que era imposto para a classe feminina. Colocando-se de forma inteligente, utilizavam de seus escritos para denunciar a realidade injusta que a cultura machista impôs por séculos na figura da mulher, levantando questões polêmicas para suas épocas. Embora, na época de Sor Juana prevalecesse a mentalidade sobre a inferioridade biológica da mulher, a poetisa mexicana não aceitava este pensamento e reverberou através de suas penas sobre a capacidade feminina e

³⁶ Não sei por que graça ou por que milagre conservas, intacto, só me queres branca, (que Deus te perdoe!) só me queres casta, (que Deus te perdoe!) só me queres alva. Utiliza-se a tradução feita por Osvaldo Orico. Acessado em: <http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/argentina/alfonsina_storni.html>

³⁷ Ah, com muitas armas fundo que lida vossa arrogância, pois em promessa e em instância juntais diabo, carne e mundo. Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 200 .Acessado em:<http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

³⁸ Ah, com muitas armas fundo. Utiliza-se a tradução do poema feita por Anderson Braga Horta- 200 .Acessado em:<http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/mexico/sor_juana_cruz.html>

ousou questionar a superioridade intelectual do homem os colocando como néscios em seu poema e que os mesmos induziam na conduta controversa da mulher.

Da mesma forma, Alfonsina também percebeu que na sociedade em que vivia as mulheres tinham o direito de ir mais além, ela reverberava a condição de igualdade entre os sexos e não aceitava essa condição de inferioridade que era imposto sobre o sexo feminino, citando assim como Sor Juana, a hipocrisia do homem ao exigir comportamentos das mulheres que ele mesmo repudiava e praticava.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo demonstrar através dos poemas *Tú me quieres blanca* (1918) de Alfonsina Storni e *Hombres Nécios* (1689) de Juana Inês de la Cruz como a imagem da mulher foi construída sob influência de um regime patriarcal. Por serem de tempos diferentes nessas obras evidenciamos como essas duas poetisas demonstram através de seus escritos suas insatisfações sobre a condição feminina de suas referidas épocas, desta maneira, através de uma análise comparativa entre os poemas nos centramos de forma específica em evidenciar como as poetisas utilizam de simbologias para denotar ideias de pureza e castidade utópica.

Dessa forma, abordamos questões importantes para o embasamento das análises como o papel social da mulher, em que fizemos um esquema desde o conceito do matriarcado até os tempos atuais, mostrando como a posição da mulher sofreu com a arrogância da religião e o sistema patriarcal e também como foi ganhando seu espaço na sociedade.

Os simbolismos na literatura também foi um tema discutido, de igual importância, apontamos suas especificidades e relações com os padrões que eram impostos à mulher. Sendo significados e re(significados), os símbolos contam a história sem se deixar perder com o tempo, de maneira multiforme eles perpassam cultura, história e conceitos que foram gerados pela humanidade o que foi de grande importância para entendermos como as poetisas descrevem a sociedade de suas épocas através dos usos simbólicos.

Como mulheres de personalidade fortes, as duas poetisas dentro de suas épocas não seguiram os padrões impostos, e se transpuseram na sua colocação na sociedade. Juana Inês não deixou seu amor pelo conhecimento ser extinguido e através da ordem religiosa conseguiu desviar-se do matrimônio e atingir o objetivo de dedicar-se aos estudos, enfrentando a impiedosa ordem religiosa; como refrigério para sua alma, através de seus poemas não deixou de passar suas conclusões sobre o futuro “predestinado” para a classe feminina, e não diferente, Alfonsina não se deixou abater como mãe solteira em uma sociedade rígida, enfrentando um fortíssimo preconceito, conseguiu inspirar várias mulheres que se identificavam com seus escritos as colocando em condições de igualdade com o sexo oposto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel de. **Juana Inés de la Cruz: glória, esquecimento e redenção**. HISPANISTA – Vol XIV no 54 /julio /Agosto /Septiembre de 2013. Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil. <http://www.hispanista.com.br/artigos> Acessado em: 13 de junho de 2020.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira; JUNIOR, Dante Flávio da Costa Reis. **As Representações Simbólicas: A pulsão imagética e sígnica na produção dos sentidos no espaço**. Revista eletrônica de Geografia, v.3, n.9, p. 93, 2012.

ARAÚJO, Selma. **Sor Juana Inês de La Cruz e a condição feminina na América Latina: texto, contexto e hipertexto**. TCC .2014.

<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/351> Acesso em: 04 de junho de 2020.

ÁVILA, Maria Betânia. **“Mulher e Natureza”**: dos sentidos da dominação no capitalismo e no sistema patriarcal. Mulheres, Trabalho e Justiça Socioambiental, 2013. biblioteca.clasco.edu.ar Acessado em: 19 de julho de 2020.

BACHOFEN, Johann Jakob. **El matriarcado**. Ediciones Akal, 1987. (Original publicado em 1861).

AZERÊDO, Sandra. **Preconceito contra a "mulher": diferença, poemas e corpos**. Edi.Cortez São Paulo, 2017.

CARDOSO, Adelaide Filomena Amaro Lopes. **As Religiosas e Inquisição no século XVII: quadros de Vida e espiritualidade**. Dissertação de Mestrado em História Moderna. Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2003.

CARVALHO, Rutineia Oliveira. **Sociedade, mulher e profissão**. Revista de Gestão e Secretariado, v. 7, n. 1, 2016.

https://revistagesec.org.br/secretariado/article/view/396/pdf_1 Acessado em: 15 de junho de 2020.

CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herançasocial do machismo no Brasil**. 2017.

<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1095.pdf>. Acessado em : 16 de junho de 2020.

CRUZ, Sor Juana Inés de La. **Redondillas**. Poemas del alma. <https://www.poemas-delalma.com/sor-juana-ines-de-la-cruz-redondillas.htm> Acessado em: 30 de setembro de 2020.

COBOS. Eduardo Madrid. **El símbolo como Recurso Literario, El reconocimiento del individuo en la colectividad**. Academia, 2017.

DIAS, Isabel. **Família e trabalho feminino: o género das desigualdades**. Ex aequo: revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, n. ° 15, 2007, p. 149-166, 2007.

DUFORT, Lucía. **El feminismo de Sor Juana Inés de la Cruz: lecturas modernas de su Respuesta**. 2011.

DURÃES, Jaqueline Sena. **Mulher, sociedade e religião**. Congresso de Teologia da PUC, Curitiba. 2009. <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/> Acessado em: 16 de junho de 2020.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, 1980.

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-8185.pdf>Acessado em: 16 de junho de 2020.

EGAN, Linda. **Donde Dios todavía es mujer: Sor Juana y la teología feminista**. Y diversa de mí misma entre vuestras plumas ando: homenaje internacional a Sor Juana Inés de la Cruz, p. 327-340, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2. Usos dos prazeres**. Tradução Maria Tereza de Costa Albuquerque. Revisão Técnica de José Augusto Guilhoh Albuquerque. Edição: 8°. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, São Paulo, Atlas, 1994.
<https://materialinglesfe.files.wordpress.com/2012/11/texto-03-delineamento-dapesquisa.pdf>>
Acesso em: 28 de maio de 2020.

GÓMEZ, Julieta Paz. **Un símbolo dominante en la poesía de Alfonsina Storni**. 1960.
https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8443/bitstream/handle/11185/4088/RU046_05_A003.pdf Acesso em: 13/06/2020.

GONZÁLEZ, Fernández, RAIMUNDO, Ángel. **Imágenes y símbolos como expresión de la individualidad en la creación literaria**. 1984. <https://dadun.unav.edu/bitstream>Acessado em: 13 de junho de 2020.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. **As várias faces da mulher no medievo**. Web revista linguagem, Educação, v. 3, n. 3, p. 23-44, 2012
<http://200.181.121.137/index.php/WRLEM/article/view/2083/1649>Acessado em: 16 de junho de 2020.

LITVACK, Lily 2013, **Las flores en el modernismo hispanoamericano**, Creneida. Anuario de Literaturas Hispánicas, 1- p. 134-159, 2013. <https://helvia.uco.es/handle/10396/12573> Acessado em: 26 de junho de 2020.

LOPES, Adriana Goreti de Oliveira; SILVA, Acir Dias da. Precursora da crítica feminista? Quem foi Juana Inés de La Cruz. **Travessias**, v. 12, n. 4, p. 149-162.
<http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/21270/13710>Acessado em :3 de agosto de 2020.

LÓPEZ, José Enrique et al. **El arte del Barroco. Formas en el Barroco IV.Barroco latinoamericano: mexicano, arquitectura y literatura 2**: Carlos de Secuencia y Góngora y Sor Juana Inés de la Cruz. Gaceta Médica de Caracas, v. 113, n. 4, p. 519-534, 2005.
http://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S036747622005000400008&script=sci_arttext&tln Acessado em: 28 de agosto de 2020.

LOPES, Paula. **Literatura e linguagem literária**. Biblioteca Online de Ciências Da Comunicação, 2010.

MESSIAS, Andernísia Ferreira do Nascimento de; CUNHA, Roseli Barros. **INÉS DE LA CRUZ: MULHER E POETISA DO SÉCULO XVII**. XI Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários Literaturas Latinas: entre o Antigo e o Moderno, p. 142. 2015.

MICELI, Sergio. **Voz, Sexo e Abismo: Alfonsina Storni e Horacio Quiroga**. Novos estudos CEBRAP, n. 97, p. 83-113, 2013.

- NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira. **Escrever como homem ou escrever como mulher?: relações entre a autoria feminina e o cânone literário**. 2015.
https://anpuh.org.br/uploads/anaisimposios/pdf/201901/1548945019_ffa88a6b654bf61f67e0bcbfd1784968.pdf Acesso em: 26 de maio de 2020.
- NOGUEROL, Francisca. **Mujer y Escritura em la Época de Sor Juana Inés de La Cruz**. Universidad de Salamanca. América Latina Hoy, 2002.
- NOVAES, Elizabete David. **Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história**. História e Cultura, Franca, v.4, n.3, p.50-66, dez.2015.
- NUNES, Áurea Salette Moser. **Alfonsina Storni – Uma voz de arrabalde**. Dissertação – Mestrado literatura e mulher. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.
- OLIVEIRA, Susana Paula de Magalhães. **A mulher do renascimento inglês: segundo a escolástica e a tradição medieval**. 2009. Tese de Doutorado.
<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1374> Acesso em: 17 de junho de 2020.
- OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Derrubando mitos: Alfonsina Storni e a reconstrução da identidade feminina no início do século XX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- PAZ, Octavio, **Sor Juana Inés de la Cruz, Las Trampas de la Fe**. Barcelona: Seix Barral, 1982.
- PEÑA, Lilia García. **Nociones esenciales para el análisis de los símbolos en los textos literarios**. 452ºF: revista de teoría de la literatura y literatura comparada, n. 6, p. 124-138, 2012.
- RETAMAR, Hugo Jesús Correa. **Alfonsina Storni, uma mulher de voz poderosa na poesia latino-americana**. Letrônica, v. 13, n. 1, p. 34975. 2020
- ROCHA, Nildicéia Aparecida. **A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni: uma voz gritante na América**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- REZENDE, Samuel. **Leituras simbólicas do feminino em três poetisas hispanoamericanas: Sor Juana Inés de la Cruz, Alfonsina Storni e Roxana Ukmar**. Revista Urutágua, n. 30, p. 97-108, 2014. Acesso em: 20 de maio de 2020.
- SANTORO, Fernando. **Sobre a estética de Aristóteles. Viso–Cadernos de Estética Aplicada–Revista eletrônica de estética**, n. 2, 2007.
http://www.academia.edu/download/37562279/Viso_2_FernandoSantoro.pdf. Acesso em: 20 maio.2020.
- SIERRA, Vânia Morales. **Crise das representações e o déficit da urbanidade**. Achegas– Revista de Ciências Políticas, n. 24, 2005.
- SILVA, Paulo Henrique da. **" Hombres Necios" de Sor Juana Ines De La Cruz, e Duas Traduções para o Português Brasileiro**. 2018.
- SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX**. Revista Vozes dos Vales. Universidade Federal de Jequitinhonha. Minas Gerais.v. 2, p. 1-25, 2012.
- STORNI, Alfonsina. Obras: poesia. Tomo I. Editorial Losada: Buenos Aires, 1999.

TÚ ME QUIERES BLANCA,

<https://cvc.cervantes.es/actcult/storni/antologia/antologia03.htm>. Acessado em : 30 de setembro de 2020.

TERZAGA, Etelvina Astrada de. **Figura y significación de Alfonsina Storni**. Cuadernos Hispanoamericanos, v. 211, p. 124-44, 1967.

TOSI, Lúcia. **Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna**. Cadernos pagu, n. 10, p. 369-397, 1998. <https://periodicos.sbu.unicamp.br> Acessado em: 20 de junho de 2020.

ANEXO A – POEMA HOMBRES NECIOS**HOMBRES NECIOS**

De: Juana Inês de la Cruz (1689)

1°Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:

2°si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?

3°Combatís su resistencia,
y luego con gravedad
decís que fue liviandad
lo que hizo la diligencia.

4°Parecer quiere el denuedo
de vuestro parecer loco
al niño que pone el coco
y luego le tiene miedo.

5°Queréis con presunción necia
hallar a la que buscáis,
para pretendida, Tais,
y en la posesión, Lucrecia.

6°¿Qué humor puede ser más raro
que el que falta de consejo,

él mismo empaña el espejo
y siente que no esté claro?

7°Con el favor y el desdén
tenéis condición igual,
quejándoos, si os tratan mal,
burlándoos, si os quieren bien.

8°Opinión ninguna gana,
pues la que más se recata,
si no os admite, es ingrata
y si os admite, es liviana.

9°Siempre tan necios andáis
que con desigual nivel
a una culpáis por cruel
y a otra por fácil culpáis.

10°¿Pues cómo ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata ofende
y la que es fácil enfada?

11°Mas entre el enfado y pena
que vuestro gusto refiere,
bien haya la que no os quiere
y quejaos enhorabuena.

12°Dan vuestras amantes penas
a sus libertades alas,
y después de hacerlas malas
las queréis hallar muy buenas.

13°¿Cuál mayor culpa ha tenido
en una pasión errada,
la que cae de rogada
o el que ruega de caído?

14°¿O cuál es más de culpar,
aunque cualquiera mal haga:
la que peca por la paga
o el que paga por pecar?

15°Pues ¿para qué os espantáis
de la culpa que tenéis?
Queredlas cual las hacéis
o hacedlas cual las buscáis.

16°Dejad de solicitar
y después con más razón
acusaréis la afición
de la que os fuere a rogar.

17°Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogancia,
pues en promesa e instancia
juntáis diablo, carne y mundo.

ANEXO B – TÚ ME QUIERES BLANCA

TÚ ME QUIERES BLANCA

(De El dulce daño, 1918)

1°Tú me quieres alba,
me quieres de espumas,
me quieres de nácar.

Que sea azucena

5°Sobre todas, casta.

De perfume tenue.

Corola cerrada.

Ni un rayo de luna
filtrado me haya.

10°Ni una margarita
se diga mi hermana.

Tú me quieres nívea,
tú me quieres blanca,
tú me quieres alba.

15°Tú que hubiste todas
las copas a mano,
de frutos y mieles
los labios morados.

Tú que en el banquete
20°cubierto de pámpanos
dejaste las carnes
festejando a Baco.

Tú que en los jardines
negros del Engaño
25°vestido de rojo
corriste al Estrago.

Tú que el esqueleto
conservas intacto
no sé todavía
30°por cuáles milagros,
me pretendes blanca
(Dios te lo perdone),
me pretendes casta
(Dios te lo perdone),
35 ;me pretendes alba!
Huye hacia los bosques,
vete a la montaña;
límpiame la boca;
vive en las cabañas;
40°toca con las manos
la tierra mojada;

alimenta el cuerpo
con raíz amarga;
bebe de las rocas;
45°duerme sobre escarcha;
renueva tejidos
con salitre y agua:
Habla con los pájaros
y lévate al alba.
50°Y cuando las carnes
te sean tornadas,
y cuando hayas puesto
en ellas el alma
que por las alcobas
51°se quedó enredada,
entonces, buen hombre,
preténdeme blanca,
preténdeme nívea,
preténdeme casta.